



Mulheres grávidas infectadas apresentam de 15% a 45% de possibilidades de passar o vírus para as suas crianças antes, durante ou logo após o nascimento. A maioria dessas mulheres não sabe que estão infectadas.

## SIDA E AS MULHERES

Revista de Ginecologia & Obstetria, **Focus**  
Artigo publicado em 1992

**A** Síndrome da Imunodeficiência Adquirida ocorre em todas as partes do mundo. A tragédia é que a SIDA é muito mais do que somente uma doença, uma condição médica ou um problema de saúde. É uma ameaça ao desenvolvimento social e econômico, às pessoas nas fases mais produtivas das suas vidas, à vida familiar, às mães e crianças à cultura e populações inteiras. O impacto psicológico e social da SIDA é tão importante quanto a doença propriamente dita, especialmente para as mulheres e crianças.

Estima-se que acima de oito milhões de adultos estejam infectados com o vírus da imunodeficiência humana (HIV) e que em pouco mais de um terço, ou seja, três milhões, sejam mulheres. Está previsto que 500.000 pessoas apresentarão SIDA durante os anos de 1990-1991, incluindo acerca de 200.000 mulheres. Ao término do ano de 1992, um total acumulado superior a 600.000 casos de SIDA terá ocorrido entre as mulheres. No ano 200, o número anual de casos de SIDA entre as mulheres começará a equiparar ao dos homens. A difusão crescente do HIV entre as mulheres significa um aumento correspondente ao número de recém-nascidos que adquirem a infecção de suas mães.

Mulheres grávidas infectadas apresentam de 15 a 45% de

possibilidades de passar o vírus para as suas crianças antes, durante ou logo após o nascimento. A maioria dessas mulheres não sabe que estão infectadas. Os adultos podem estar infectados 10 a 15 anos sem apresentar sinais ou sintomas de SIDA. Como a infecção por HIV não reduz a fertilidade, as mulheres infectadas podem ter muitos filhos enquanto estão infectadas com o vírus da SIDA e os cientistas ainda não sabem porque algumas dessas crianças serão infectadas enquanto muitas delas não o serão. Durante os anos 90, a SIDA afetará a 1,5 milhões de mulheres em idade reprodutiva somente na África Central e nos Países do leste africano deixando atrás de si milhões de órfãos.

No entanto, o impacto da SIDA sobre as mulheres não é apenas uma questão de números. A SIDA afeta as mulheres não somente como indivíduos infectados pelo HIV, mas também em seus múltiplos papéis na sociedade e família, como provedor de assistência à saúde, educador, esposas, mães e provedor de renda. O “status” das mulheres dentro da família e sociedade as torna particularmente suscetíveis à infecção por HIV uma “vulnerabilidade” relacionada com o seu “status”, geralmente inferior.

O papel “inferior” das mulheres na sociedade pode variar em grau nos diferentes Países, mas o seu impacto é similar em toda a parte. Isto inclui a falta de acesso à instrução, a informações e serviços na saúde, à renda equiparada, aos direitos sociais, e assim por diante, o que por sua vez afeta o acesso a informações de como se proteger contra a infecção por HIV. Ademais, o estigma que acompanha a SIDA está sujeitando as mulheres a muita discriminação, rejeição social e outras violações dos seus direitos.

O impacto das doenças relacionadas com HIV entre as mulheres certamente piorará a sua situação em toda a parte, particularmente nas comunidades mais pobres se nenhuma ação for tomada.

A mortalidade nas mulheres jovens com SIDA em algumas comunidades urbanas está ultrapassando a mortalidade decorrente de doença cardiovascular e câncer.

A longo prazo, uma melhoria no “status” social, econômico e político das mulheres aliviará muito dos problemas que elas enfrentam com relação à SIDA, porém, de imediato pode-se tomar providências para reduzir os efeitos adversos da SIDA nas mulheres, atendendo às suas necessidades prioritárias de saúde mediante a participação das próprias mulheres, bem como de organizações femininas. Isto significa que elas devem ter igual acesso a informações e educação de como se prevenir contra a disseminação das doenças sexualmente transmissíveis e à infecção por HIV.

Embora as informações e a educação sejam essenciais, elas sozinhas não são suficientes. Elas devem estar ligadas a serviços de saúde de maneira que assim as mulheres recebam assistência adequada durante a gravidez e o nascimento da criança; enquanto que aquelas que estão infectadas pelo HIV tenham ajuda prática e apoio psicossocial para ajudá-las a suportar o trauma decorrente do fato de estarem infectadas. No caso de infecção por HIV durante a gravidez, a mãe deve se informar da possibilidade do bebê vir a ser infectado, devendo receber apoio médico, social e psicológico para a sua decisão de continuar ou terminar a gravidez. É importante também que seja assegurado às mulheres infectadas pelo HIV, bem como aos homens e crianças, não serem discriminados por causa disto e recebam assistência compassiva.

A SIDA também apresenta novos desafios às mulheres como principais provedoras de assistência para as pessoas infectadas por HIV e as portadoras de SIDA bem como as crianças órfãs. As mulheres são convocadas para enfrentar tremendo “stress” físico, emocional e social, de maneira que é muito importante que essas mulheres recebam adequadas informações, qualificações, conhecimentos e fontes para ajudá-las a assumir este difícil e estressante papel.

Felizmente é possível reduzir pelo menos algumas das dificuldades que as mulheres enfrentam como resultado da epidemia de SIDA, mas isto requer a iniciativa, esforço e compromisso das pessoas em geral de todas as sociedades.